

ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E DESIGUALDADES

Luiz Alex Silva Saraiva¹

Os estudos organizacionais têm constituído um campo de conhecimento historicamente contestado (Reed, 1999), de certa forma à parte da grande área da Administração, em muitos casos com posições explícitas de rejeição a muitas das posições ditas indiscutíveis do *management*, como a dominação, o lucro e o desempenho (Tonwley, 1993), apenas para ficar em alguns aspectos. A teoria organizacional tem sido o refúgio de muitos pesquisadores que problematizam o que dá sustentação a práticas estreitamente comprometidas com o funcionamento adequado de uma lógica empresarial que naturaliza o contexto capitalista. Longe de constituir um bloco monolítico, contudo, a teoria organizacional está mais para um campo minado no qual são inúmeras as contradições, as tensões e os paradoxos, tanto no que se refere aos níveis, escalas, dimensões, parâmetros e temas do que se teoriza, quanto a aspectos da teoria como quem efetivamente pode para com ela contribuir, suas justificativas, seus limites, seu acesso, sua complexidade, seu uso e a quem ela interessa.

Em meio a essas polêmicas discussões, têm ficado claro que, se despendidos esforços apenas no plano teórico, há uma grande tendência de aumento na crise da universidade (Birnbaum & Shushock Jr, 2001), e conseqüentemente, do insulamento no conhecimento acadêmico (Hinings & Greenwood, 2002), sendo

¹ Editor-chefe da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/8812184151373749>. <https://orcid.org/0000-0001-5307-9750>. saraiva@face.ufmg.br. Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas. Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (55 31) 34097235.

necessárias contrapartidas e mesmo intensificação em termos de intervenção social (Reed & Burrell, 2019), o que nos leva a questionar neste editorial: o que os estudos organizacionais têm a dizer sobre os problemas que nos afligem enquanto sociedade, em particular sobre as diversas nuances da desigualdade?

Este é um problema, e dos grandes, para uma área que majoritariamente tem colocado a prática em segundo plano, assumindo, de forma implícita ou nem tanto, a “nobreza da teoria”. O resultado é um incômodo encaixe na metáfora da torre de marfim da universidade: linda, isolada, brilhante, asséptica e inacessível (Czakon, 2019). Não tem sido uma opção “sujar os pés de barro” no mundo que nos cerca, infelizmente. Temas próprios do mundo em que vivemos, como pobreza, desigualdade, meio ambiente, violência, racismo, sexismo, capacitismo etc. eventualmente têm sido inseridos no campo mais como agendas individuais do que propriamente como preocupações de todos que vivem em uma sociedade cada vez mais complexa e repleta de tensões.

Esse mal estar da teoria leva a muitas questões para as quais temos poucas respostas – se é que temos algo parecido com um horizonte de resposta em muitos casos: como fazer da práxis algo mais do que elaboração teórica informada dos problemas sociais? Os pesquisadores do campo abraçam, explícita ou implicitamente, uma perspectiva teórica que explica a dinâmica das organizações a partir de um dado ponto de vista, do qual partilham. Mas quantas dessas abordagens extrapolam a exposição da teoria? Em um contexto virtualmente explosivo como o que vivemos, é possível pensar em teoria e prática como questões separadas (Kajner, 2013)? Não queremos dizer com isso que as áreas são limitadas em si e que só fariam sentido juntas; há abundância de estudos que justificam tanto a teoria como imprescindível para a compreensão do mundo, quanto da prática para lidar com as questões que nos cercam.

Todavia, sobram demandas a respeito de explicações de contribuam para intervenções na sociedade, e de ações que sejam orientadas por algo que

somente a teoria pode oferecer, que parecem indicar um apelo por uma intelectualidade engajada (Van de Ven, 2007), composta por acadêmicos ativistas (Cann & DeMeulenaere, 2020), embora os sentidos e limites de engajamento e de ativismo não estejam claros.

As lacunas e indefinições têm permitido a emergência da figura de “pesquisadores de situação”, prontos a emprestar seus nomes e currículos a qualquer causa que possa render visibilidade e reconhecimento instantâneo, independente da ausência de lastro teórico ou de percurso intelectual compatível com as demandas sociais. Com isso, emerge outra questão: como fazer da necessidade social um combustível para concepções não oportunistas, efetivamente associadas a práticas socialmente orientadas (Dunne, Grady & Weir, 2017)? Não são pequenas as evidências de que as pressões pelas quais a universidade vem passando em todo o mundo procuram simplificá-la enquanto instituição (Parker & Jary, 1995), chegando, em alguns casos, a ser tratada como qualquer outro negócio, a exemplo da discussão proposta por Levine (2001), que trata da educação superior como uma “indústria madura”.

Muitas das escolas de negócio privadas já perceberam isso e têm atuado como “McUniversidades” (Parker & Jary, 1995), empregando inúmeras ferramentas típicas do mercado, como publicações sintéticas voltadas para públicos especializados, como os “sumários executivos”, mapeamento de mídia, patrocínio de eventos, parcerias institucionais etc., com o propósito não apenas de estar “na crista da onda”, como de se habilitarem como as instâncias ágeis de mapeamento, diagnóstico e explicação dos fenômenos organizacionais, integrando-se ativamente na *management industry* (Costa, Barros & Saraiva, 2014). Como superar este imperativo empobrecido de oferta e demanda e, ao mesmo tempo, como nos enxergar de maneira menos solene e mais crítica, de maneira a produzir organicamente concepções/práticas de ensino, pesquisa, extensão e gestão acadêmicas sintonizadas pelo social?

Neste segundo número de 2022, na seção **Capas**, a contribuição *O contraste para além da foto ou os contratos da “ilha da magia”*, de *Vagner de Meira Nascimento* e *Eduardo Milani Boselli* faz um interessante jogo de contrastes entre visibilidade e invisibilidade, tradição e modernidade, riqueza e pobreza na turística cidade de Florianópolis.

Inaugurando a seção **Debates**, *Universidade pública: um projeto em disputa na contemporaneidade* é o nome do texto de José Henrique de Faria que provoca discussões a partir de uma mesa de discussão realizada no XI Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD. O autor problematiza a crescente perda de autonomia da organização, as históricas contradições e dilemas atuais e exprimem faces de projetos políticos distintos no contexto das universidades públicas. Pedro Demo, na Réplica 1, encampa estas provocações e se propõe a “questionar para defender, de modo crítico autocrítico”, refletindo sobre suas práticas pedagógicas obsoletas. Na Réplica 2, *Elisângela de Jesus Furtado da Silva* defende a politização da ciência como condição básica da universidade pública, em particular no que se refere à ampliação da interlocução com os cientistas a respeito do conhecimento que produzem. Na tréplica, *Um projeto em disputa na contemporaneidade: considerações sobre educação transformadora*, José Henrique de Faria faz um fechamento da discussão em diálogo com as provocações dos demais debatedores. Retomando a tese do texto-base, Faria sustenta que a universidade pública “está se tornando cada vez mais um espaço de reprodução produtivista da lógica do capital” quando, por desatenção, alienação, omissão ou passividade, muitos dos que defendem a universidade pública gratuita, de qualidade e socialmente referenciada não se posicionam quanto aos projetos em disputa.

Armando dos Santos de Sousa Teodósio nos premia com o tocante texto *Da apatia à empatia na pesquisa engajada: marcas indelévels da lama que tudo transformou*, na seção **Depoimentos**. Nesta contribuição, o autor destaca que o crime de Brumadinho, no qual perdeu amigos e muitos dos lugares da terra em

que cresceu, soterrados pela lama tóxica, o transformou em um “pesquisador engajado”, não obstante a formação para um distanciamento acadêmico, uma perspectiva essencialmente comprometida com os desvalidos nas diversas instâncias da universidade.

Muitas pistas sobre as questões apresentadas no início deste editorial são fornecidas pelo **Dossiê temático “Desigualdade, direitos sociais e (re)arranjos institucionais: impactos da Covid-19 na sociedade brasileira”**. Es editores especiais, *Gabriel Borges da Silva* e *Marilha Gabriela Reverendo Garau*, mantiveram a tradição do nosso periódico de diálogo interdisciplinar nas complexas relações entre estudos organizacionais e sociedade. Composto por sete textos, esta seção ajuda a entender a complexidade do que temos vivido desde 2020.

No texto de abertura, *Desigualdade, direitos sociais e (re)arranjos institucionais: impactos da Covid-19 na sociedade brasileira*, *Gabriel Borges da Silva* e *Marilha Gabriela Reverendo Garau* retomam os pontos de partida do dossiê, chamando a atenção que a enorme desigualdade de renda no Brasil por si só é um fator de preocupação para qualquer tipo de problema social, em particular quando o problema em tela é um pandemia. Ao levar em conta “relações estruturais que perpassam por desigualdades sociais, históricas e pela reflexão sobre os diversos contextos a partir das regionalidades brasileiras, evidenciou-se um cenário importante para produção de pesquisas”, os autores relatam as dificuldades na produção do dossiê e esperam que as reflexões apontadas auxiliem a “construção de problemas de pesquisa que tenham potencial reflexivo acerca das consequências do controle pandêmico, seja em escala local ou global”.

Sabrina Melo Del Sarto e *Helena Monaco*, em “*Ninguém podia sepultar os mortos*”: covid-19 e suas implicações para os circuitos funerários brasileiros, procuraram compreender como se organiza o complexo funerário brasileiro e

quais são os principais efeitos e implicações da pandemia da Covid-19 nas condições de trabalho dos profissionais dessa categoria. Por meio de entrevistas semiestruturadas com os profissionais da área associadas a um levantamento bibliográfico e documental, as autoras identificaram que há, principalmente, uma falta de consenso na identificação da condição de vulnerabilidade desses trabalhadores, notadamente quanto à sobrecarga de trabalho, riscos ocupacionais e exposição à doença.

Mundo do trabalho e Covid-19: um panorama sobre essa relação e a proposição de agenda para um grupo de pesquisa, de *Débora Coutinho Paschoal Dourado, Angélica Pereira Soares, Mariana Larissa dos Santos Silva, Newton Claizoni Moreno de Melo*, propõe uma agenda de pesquisa que aborde o mundo do trabalho no contexto da Covid-19, baseada em notícias veiculadas em mídias nacionais e internacionais, além de sugerir estudos futuros para outros pesquisadores. O *corpus* de pesquisa, composto por um total de 4.054 notícias relacionadas a aspectos do mundo do trabalho no contexto da pandemia, indica que estamos diante de uma crise humanitária, aprofundando desigualdades históricas e impactando diretamente uma massa de trabalhadores vulneráveis.

Em *Necropolítica e segurança pública em Pernambuco durante a pandemia*, *Amanda Lins Cavalcanti Galindo e Raissa Lustosa Coelho Ramos* analisaram dados sobre atuação policial e sistema carcerário em 2020, com foco em Pernambuco, estado com marcante herança colonial e escravocrata. Nos dados, as autoras destacam que as taxas de homicídio aumentaram durante o primeiro semestre de 2020, apesar da queda nas incidências de outros tipos de crime, o que as leva a questionar o que estaria por trás da política de morte do Estado quando repressora o crime com mais letalidade no período de pandemia.

Sugerindo uma possível chave de leitura sobre a continuidade da violência policial armada nas favelas do Rio de Janeiro apesar da grave crise social e sanitária gerada pela pandemia da Covid-19, na contribuição *“Operações*

policiais”: uma proposta de exercício multi-situado e multiescalar de regionalização dos impactos da violência armada em favelas durante a pandemia no Rio de Janeiro, Eduardo de Oliveira Rodrigues e Elizabete Albernaz levaram a cabo uma investigação associando cartografia e etnografia na região metropolitana do Rio de Janeiro. Os principais resultados sugerem que a ocorrência (ou não) de uma operação policial demanda “compreender algumas formas do “fazer Estado” através de interesses posicionados e práticas de mercado que tomam a violência armada enquanto produtora de valores materiais e simbólicos para os policiais envolvidos em tais ações”.

Ana Cléia Gonçalves de Aguiar, em *“Estou vindo de uma reunião na promotoria, ela me orientou a enviar um ofício pedindo que os adolescentes permaneçam mais quinze dias em casa: experiência de adolescentes em medida socioeducativa em Niterói no contexto da pandemia*, explora as formas de mediação e administração de conflitos entre o judiciário e o grupo de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa acompanhados nos anos de 2019 e 2020 por um Centro de Referência Especializado de Assistência Social no município de Niterói. Por meio de uma etnografia, a autora identificou que o CREAS pode vir a funcionar como um “vigiar” para dar fundamentos ao judiciário “punir” esse adolescente, não tendo havido priorização deste público na concessão de benefícios socioassistenciais mesmo com o agravamento das condições socioeconômicas dos adolescentes no contexto da pandemia.

Encerrando o dossiê temático e este número, em *Capitalismo, crise ambiental e pandemia: caminhos para forjar esperança*, Raphaela Reis Conceição Castro Silva, Etiane Araldi e Mariana Spacek Alvim apresentam algumas reflexões e alternativas para que a humanidade planetária não volte a sofrer com as mesmas mazelas, ou até com outras piores, em um futuro próximo.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

Birnbaum, Robert & Shushock Jr. (2001). The 'crisis' crisis in higher education: is that a wolf or a pussycat at the academy's door? In Philip G. Altbach, Patricia J. Gumpert, & D. Bruce Jonhstone (Eds.). *In defense of American higher education* (pp. 60-84). Baltimore: The John Hopkins University Press.

Cann, Colette N. & DeMeulenaere, Eric J. (2020). *The activist academic: engaged scholarship for resistance, hope and social change*. Gorham: Myers Education Press.

Costa, Alessandra S. M., Barros, Denise F., & Saraiva, Luiz Alex S. (2014). Management industry. *Cadernos EBAPE.BR*, 12(1), 1-6.

Czakon, Wojciech (2019). Grand challenges: a way out of the ivory tower for management academic discipline. *Problemy Zarządzania – Management Issues*, 17(4), 9-23.

Dunne, Stephen, Grady, Jo, & Weir, Kenneth (2017). Organization studies of inequality, with and beyond Piketty. *Organization*, 25(2), 165-185.

Hinings, C. Robert & Greenwood, Royston (2002). Disconnects and consequences in organization theory. *Administrative Science Quarterly*, 47(3), 411-421.

Kajner, Tania (2013). Beyond the binary: scholarship, engagement, and social transformation. In Lynette Schultz & Tania Kajner (Eds.). *Engaged scholarship: the politics of engagement and disengagement* (pp. 9-20). Rotterdam: Sense Publishers.

Levine, Arthur (2001). Higher education as a mature industry. In Philip G. Altbach,

Patricia J. Gumpert, & D. Bruce Jonhstone (Eds.). *In defense of American higher education* (pp. 38-58). Baltimore: The John Hopkins University Press.

Reed, Michael (1999). Teorização organizacional: um campo historicamente contestado. In Stewart R. Clegg, Cynthia Hardy & Walter R. Nord (Orgs.). *Handbook de estudos organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais* (pp. 61-98). São Paulo: Atlas.

Reed, Mike & Burrell, Gibson (2019). Theory and organization studies: the need for contestation. *Organization Studies*, 40(1), 39-54.

Tonwley, Barbara (1993). Performance appraisal and the emergence of management. *Journal of Management Studies*, 30(2), 221-238.

Van de Ven, Andrew H. (2007). *Engaged scholarship: a guide for organizational and social research*. New York: Oxford University Press.

CONTRIBUIÇÃO

Luiz Alex Silva Saraiva

O autor declara ser o único responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

O autor declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O autor declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) pela infraestrutura de pesquisa e de trabalho e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelos recursos que permitiram viabilizar esta publicação.

COMO CITAR

Saraiva, Luiz Alex S. (2022). Estudos organizacionais e desigualdades. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 9(25), 384-393.